

PARA UM SALDO DA CONTA-CORRENTE DE VERGÍLIO FERREIRA

por

F. JORGE VIEIRA-PIMENTEL

« Um género literário que várias vezes tentei e de que sempre desisti foi o Diário. Confesso que o tento de novo mas sem entusiasmo. Pergunto-me porquê e não vejo outra resposta senão a de que me é invencível a relutância pela « confidência » que especificamente dobra o « diário » de « confissão ». Sendo um escritor censurado por muito falar do « eu », é-me extremamente difícil falar de mim. »

(Vergílio Ferreira, *Espaço do Invisível*, II)

1. Há livros que, pela sua especial natureza, desencadeiam no leitor, com invulgar amplitude, o desejo de dialogar, de cotejar afinidades ou desencontros, de, em suma, saldar, sobre a hora e frontalmente, o impacto recebido. São eles, sobretudo, livros escritos *de dentro e desde sempre*, livros impulsionados e trabalhados pela força inesgotável das coisas e catapultados enfim cá para fora sob pressão das múltiplas vivências do dia a dia. Neles, o trajecto pessoal (nas suas várias dimensões, psicológicas, sociológicas, ontológicas ...) cruza-se e confronta-se com o trajecto colectivo, facto que os torna especialmente

apetecidos pelo autor encapotado e preguiçoso que cada um de nós transporta no recesso da sua consciência. Um apetite, aliás, que se acentua na razão directa do anonimato e do « voyeurisme » do leitor, sempre capaz de *distrain-se* num processo onde a voz que se ouve é, principalmente, a voz do outro, a voz do doador. Nada nem ninguém, todavia, o liberta dum mecanismo ao qual está, aconteça o que acontecer, agrilhado de pés e mãos. E — definitivamente — fica a sabê-lo quando opta por interpelar/interpretar, de viva voz, a voz que o incomoda.

2. É inegável o impacto que *Conta-Corrente*¹ tem na geração que viveu Paris-68 e Coimbra-69 com o uzeiro redentismo nos olhos e o vezeiro dogmatismo na inteligência. O montante (in *progress*, afinal, pois já se anuncia um terceiro volume) apresenta-se, ao primeiro lance, como uma espécie de adição, distraidamente metódica, dos desabafos duma consciência que se exercitou — e se exercita — na teia vária do mundo, dos acontecimentos e dos homens. Vindos a público, esses desabafos tendem a ser equacionados por algumas outras consciências que, mais ou menos claramente, suspeitam, com o autor, que « contar mesmo o que *aconteceu* é mentir » (1, 114). Isto equivale a dizer que o fingimento não apenas se insinua na arte mas também na vida e que a diferença estará somente numa questão de grau ou, talvez melhor, de *modo*. Repercutora de tal fingimento é a escrita, a qual, muito embora se esforce por situar o seu dono e senhor « no centro vivido de tudo », não pode despir-se da sensação de « truque » (1, 165) que, intrusa, sempre ronda qualquer sinal, instrumental ou estético.

O que levará, pois, alguém que, por vocação sobejamente corroborada, aposta na « misteriosa vibração da *palavra* »

¹ Vergílio Ferreira, *Conta-corrente*, 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981. Ao longo do artigo indica-se, entre parêntesis, respectivamente o volume e a página das citações.

(1, 204), a servir-se dela para *ensaiar*, em suposto directo, uma consciência que, de conhecida e reconhecida, terá sempre um leitor, « ao lado, a espiar » (1, 148) ? Uma ardilosa tentativa de *cœur mis à nu* cujo êxito se obteria pela repetida negação, em voz alta, daquilo mesmo que, pela calada, se faria ? Ou, na pegada da convicção sartriana de que a « sinceridade será sempre impossível, pelo distanciamento de nós a que obriga » (1, 148), apenas *experimental*² descomprometidamente outras razões da escrita (a poesia, porque não ? ...) e daí tirar ilações cognitivas que radicariam, por exemplo, no esboço sedutor duma teoria do diário — « [...] reflecto então que o que importa num *Diário* não é aquilo que acontece mas a maneira como se faz acontecer » — para chegar à descoberta (insuspeitada ?) das suas reais virtualidades criativas : « e então continuo — e acaba por acontecer realmente » (2, 14) ? Qualquer que seja a razão, esse « acontecer realmente » está, por intercessão da escrita, na frente do leitor, com a vantagem, aliás, de aqui e acolá — a propósito, por exemplo, do *Diário* de Mário Sacramento — a si mesmo se repensar nas suas virtudes e fraquezas. Não espanta, assim, que *Conta-corrente* passe a constituir um indispensável marco na descoberta da chave duma Obra e duma Personalidade cujas trajectórias parecem coincidir na obsessão pela palavra que « subjaz aos milhões das que já disse, / a que às vezes se [lhe] anuncia num súbito silêncio interior, [...] a única, a última [...] » (2, 64-65). Com efeito, em conformidade com o Todo (inconcluso, claro) ao qual se passou a adicionar, este diário de bordo duma inteligência e duma moral — iniciado já, a crer na epígrafe, *in ultimas res* — entronca na procura dum Tempo, dum Espaço e dum Verbo perdidos. Eternos ausentes, eles

² Vejam-se as suas palavras de 29 de Agosto de 74 : « Dizem-me às vezes que mudo de livro para livro, me entrego a « experimentalismos » [...] Todos, à nossa maneira, utilizamos heterónimos, a minha *instabilidade* é o impossível da unificação » (1, 167).

constituem-se como o lastro impulsionador da fidelidade marcante dum percurso; percurso que remonta, afinal, à era nebulosa em que o sagrado e o profano não tinham ainda, costas com costas, passado à aberta hostilização. Donde, a propósito da «alegria da memória», se falar em primeiro lugar, «não da memória referenciável, ligada ao que aconteceu, mas duma memória de nada, memória absoluta» e se acrescentar, logo a seguir, que «é a morada da divindade que em nós fala, o lugar da transcendência de nós» (2, 27).

O espírito que assim se concebe é um espírito intrinsecamente religioso, mesmo quando — sobretudo quando — fingindo furtar-se, como diria Jean d'Ormesson, *au plaisir de Dieu*, se volta para o Homem e o *eterniza* através da Obra realizada: «o que permanece do homem é o espírito que incarna nas obras realizadas; o que permanece do homem é o que o fez ser homem» (2, 23). Não obstante, dois dias depois, lembra que «os teólogos ainda não exploraram devidamente o significado da eternidade que se nos instala na vida» (2, 24), pois — di-lo com a distância de quem se diverte a encurralar as suas próprias convicções — «se há a eternidade do homem, ela só tem sentido na eternidade divina». E quando, a finalizar, escreve — «vou pensar na minha fórmula» (2, 25) — ele está ainda a distanciar-se de si próprio, pois não desconhece que a chave da sua vida/obra é mesmo muito capaz de estar num obscuro conflito com Deus, ou, para evitar melindres, num obscuro conflito com a ideia de Deus. Um conflito cuja dimensão aprendemos com ele ao lermos que «negar seja o que for é afirmar-lhe a importância»³ ou ao vermo-lo escolher para epígrafe de *Nitido Nulo* o paradoxo pessoano de que «não haver um deus é um deus também»⁴. Daí que talvez as pessoas não se afastem muito da verdade quando afirmam que Vergílio Ferreira é um «crente que se ignora»

³ *Espaço do invisível*, I, 2.ª ed., Lisboa, Arcádia, 1978, p. 37.

⁴ *Nitido nulo*, 2.ª ed., Lisboa, Portugália Editora, 1972, p. [9].

(2, 74). Apenas resta saber até que ponto ele o *ignora*, mesmo descontado o facto de que « a nossa vida realiza-se em noventa por cento fora dos problemas da razão » (1, 28).

3. É da sabedoria dos escritores o entendimento da Arte como orgulhoso sucedâneo de Deus, embora se tema muitas vezes — e quantas com mal disfarçada irritação — que seja Ele a « longínqua plenitude » que, suprema, dite a « alegria indizível » (1, 369). Seja ou não assim, uma coisa é certa — « a arte, como o arrebatamento religioso, é dos instantes da sublimidade de nós » (1, 333-4). Tal asserção permite que avancemos, de outro ângulo, com o lugar comum de que, à sombra da *Arte*, trivial e anónima, caminha a própria *Vida*⁵. E, conquanto se sublinhem os repetidos esforços para transmutar uma noutra — « há um estar em toda a minha vida que é um estar em arte » (1, 343) —, sente-se a bipartição, dolorosa e trágica. Mais ainda — sente-se que é na vida que se desejaria ser aquilo que só se é na Arte. É esta que é « falsificação » (1, 89) : « viver em arte, como é possível ? Tenho duas vidas. A outra é que é » (1, 276). De resto, mesmo quando ele diz que viveu a experiência narrada em *Aparição* — « e isso porque me abalou, repercute-se numa narrativa que era a do que estava sentindo » (1, 47) — fá-lo para repor os direitos da *emoção* na génese do fenómeno criador. Pena é que, nesta altura, não fosse mais longe na sua referência ao Pessoa do sentir/fingir. Porque o que este diz é que « a emoção é mentira na inteligência pois se não dá nela. Toda a emoção verdadeira tem, portanto, uma expressão falsa. Expressar-se é dizer o que se não sente »⁶.

⁵ Veja-se o artigo que V. Ferreira lhes dedica em *Espaço do invisível*, I, pp. 37-44.

⁶ F. Pessoa, *Páginas de doutrina estética*, 2.ª ed., Lisboa, Editorial Inquérito, p. 132.

Propositadamente paradoxal ou não, Vergílio Ferreira só com dificuldade afasta a suspeita de que a sua *vida* tenha, « desde cedo », acabado por fazer-se *contra* si mesma, através dum processo obstinado e agónico (1, 14). Dir-se-ia estarmos em presença duma *contra-vida* que, crítica, se anota para reflexão e exemplo, indiferente aos despeitos literários que, nestas ocasiões, não deixam o seu azedume por conta de outrem. Ela revela-nos, paulatinamente (1969-79), e num registo muito próprio, quer o preço quer o rigor tenaz da criação. Criação que não se limita a roer nos domínios da Vida, impondo-se como « absoluta necessidade de escrever » (1, 71). Criação que vai mais longe, exigindo a inversão de posições, numa troca cruel em que a Vida parece ficar a perder — « não é um problema de escrita, nem o de achar um 'motivo': é o de meter-me dentro do livro, vivê-lo intensamente aí, sentir-me *convencido* dele, emocionar-me invadido da plenitude de realizá-lo, ser nele em toda a minha força de vivência » (1, 105). Ou, mais incisivamente: « Retorno ao romance. Mas um romance faz-se com o que a toda a hora nos preenche. Trabalho latente que prossegue o seu rumo sem darmos conta. Escrever um romance não é *saber* o que se vai dizer — é estar possuído do impulso, o *élan* que nos arremessa. A única realidade é estar-se lançado. O resto que se escreve é a revelação disso, a cinza do que nos arde por dentro » (1, 116). Há, portanto, um transporte, um movimento intérmino que, com certeza, começa no *seu romance* — aquele que « arde », o da Vida tornada contumaz perseguição da Arte — até se estender ao romance-outro — aquele a que o leitor tem acesso — e se propalar à arte em geral e, em última análise, à Cultura e ao País. Daí que não se estranhe o seu decisivo encontro com um *contra-romance*, gerado em detrimento daquele mimético, « absolutamente insuportável, primário, infantil », que conta « ainda uma história ». « Contar histórias é para as avozinhas » (2, 156) ou, por outras palavras, contar histórias é a forma rudimentar e tranquila de o Homem se representar sem um sobressalto que não seja o exemplar, o catártico. Vergílio Fer-

reira aposta no distante, numa aventura criativa total, sem artificiais cortes entre o mundo e as palavras. Para ele, « ser homem é transcender-se. E a memória é o lugar da transcendência. Mesmo diante do real imediato [...] o que no real significa não está lá mas algures » (2, 27). Este algures, este « sabor para além do sabor » (2, 27) — de que, ao fim e ao cabo, o Homem foi violentamente separado — é o objectivo primeiro, sagrado, da palavra, e, sobretudo, do « impulso que leva a procurá-la » (2, 73).

Deste modo, todos os caminhos em Vergílio Ferreira reen-
viam a um *Mesmo*, até porque eles são percorridos para a frente — como compete a quem se projecta — mas *às arrecuas*, com os olhos postos num ponto inicial, inominável, alfa e ómega duma realidade abscôndita e arredia. É assim que, nele, tudo aquilo que vibra, vibra de há milénios, numa articulação que os críticos, no seu afã de ligar « o novo ao já feito » (2, 12), classificam e evidenciam com particular insistência nos seus elos temporalmente mais próximos. Sem renegar qualquer membro, Vergílio Ferreira precisa essa família como numerosa e preocupa-se — *à vol d'oiseau*, mas não inocentemente, como convém a um diário — em destrinchá-la e organizá-la genealógicamente. Sim, Raul Brandão, certamente ; mas « um Sartre, Camus, Malraux, Dostoievski é que mo disseram » (1, 376). O que não impede, claro, que, de vez em quando, — num assomo daquela rebeldia que o expulsou do paraíso e o condenou a ser *um* (veja-se 2, p. 223) — não sublinhe que « falta quem me dê como parente de mim mesmo. Porque, bons deuses, também sou » (2, 11).

4. Vai ser, aliás, à consciência profunda de ele ser quem é que ficará a dever-se toda uma série de reflexões que confirmam o pensador, o polemista, o crítico, o cidadão, voltado também para o modo concreto do homem estar no mundo. E se múltiplas são as possibilidades que se abrem ao existente a partir do *aqui* e *agora*, elas não deixam de se reduzir, no campo da elaboração mental menos imediata, a um complexo de temas de lon-

guíssima e humaníssima tradição. Entre estes temas — alguns dos quais já lhe haviam merecido atenção na injustamente pouco citada *Invocação ao meu corpo* — destaque-se, por exemplo, o da felicidade, o súbito desejo de querer ser feliz, « assim mesmo, nestes termos, como uma donzela que sonha atrás da vidraça : ser feliz » (1, 144). Tal realidade, muitas vezes marginalizada nas tentativas racionalistas de compreensão da crise de algum optimismo romântico, não deixa de orientar, dum modo ou doutro, o encaminhamento *em leque* da meditação de Vergílio Ferreira. Sem ilusões, ele adverte que « o homem de amanhã será, como sempre, o primeiro homem » (1, 46) ao mesmo tempo que, num acesso, logo ironicamente morigerado, de *esprit de sérieux*, não aceita o « espectáculo degradante » dos *hippies* cuja possível justeza de protesto se dilui, afinal, no « prazer do abandono total, da cedência ao imediato e aos paraísos artificiais » (1, 56). A resignação é, de resto, uma forma de desistência — « chega-se a perder a paciência com ela » (2, 37) —, e aquilo que fala fundamentalmente em Vergílio Ferreira é a dignidade de resistir, o imperativo ético de « resolver a vida » (2, 36), mesmo na velhice onde tudo « fala de degradação » (2, 37). Isso condu-lo à tentativa de esboçar uma certa estética da velhice — « uma das formas de compensar a velhice é dar-lhe um halo de grandeza com um carácter *augusto* » — tentativa logo abandonada com aniquilante mordacidade : « Pois como ser *augusto* com um metro e sessenta e sessenta quilos de peso ? É-se um velho chilro » (1, 313). Tragédia e comédia, sublime e grotesto, astralidade e carnalidade rondam desde sempre e com pertinácia acrescida, aquele que se mantém fiel à interrogação fulcral da existência : « que me significa hoje a morte ? », (1, 96). Mas nem o « belo ensaio geral » (1, 266) lhe enfraquece a obsessão desse « inimaginável » que o leva, à falta de *além*, a prolongar o *aquém* « para lá de o já não ser » (2, 67). Um prolongamento, contudo, pouco convincente : « assim a morte nos existe menos à medida que nos existe menos a vida. E o fim da vida vai sendo o fim de tudo que nela teve importância. Será ? » (1, 96). Não ; não é, com

certeza. E para comprová-lo, lá está uma *teoria* do sexagenário que, meio sarcástico, meio tolerante, ele expande justamente no dia dos seus sessenta anos : « vale-me que em todas as idades da vida se fecha um círculo que as absolutiza » (1, 305).

Conta-corrente, por consequência, não se fica só pelos domínios da Arte ou do Existente. A obra atesta também a reflexão imediata e a própria intervenção, quer quando dá conta dos actos do seu autor nos momentos cruciais para o futuro do país, quer quando, implicitamente, se propõe como testemunho das perplexidades dum intelectual em face da errância sinuosa da política. Um intelectual que, mais do que um entre outros diversos, é um intelectual diverso entre outros. Na verdade, se, de início, Vergílio Ferreira se lhes refere genericamente, neles se incluindo (1, 18), aos poucos, com o decorrer do tempo — com evidência para os anos decisivos de 74-75 — uma mudança sensível se verifica, levando-o mesmo a afirmar, numa provisoriedade naturalmente cúmplice, que « o intelectual é dos arredores mais vis da humanidade » (1, 252). Claro que quando ele escreve isto está, espontâneo, a reagir « à intelectualidade vil que se acarnavalou à pressa de comunismo para entrar em cena » (1, 285), sem que, portanto, se conceda tempo para levar mais longe — e gostaríamos de o ver fazer isso — uma tentativa de clarificação das dúbias relações entre a inteligência, toda a inteligência, e todo o poder. Aliás, afirmar que o intelectual — principalmente o português — se horroriza « à ideia da História o deixar para trás » e que « o seu lugar é lá à frente, no sítio porreiro da justiça, do progresso, da legenda » (2, 32) é traçar, em linhas indeléveis, a fulminante caricatura dum cata-ventos proverbial, sempre pronto a talhar a História a golpes da espada que não tem. É, seguramente, por causa dessa convicção — talvez momentânea e apaixonada — que ele se lamenta que um homem invulgarmente inteligente como Eduardo Lourenço seja um homem « de acção » e se sinta sufocado entre quatro paredes, lugar onde, afinal, « ele já provou que é histórico »

(1, 320). Chegados aqui, é grande a nossa tentação de lembrar o já referido *contra* e de ver no autor de *Conta-corrente o contra-intelectual* — um modo radicalmente outro de o ser ainda — alguém que, como artista, se recusa à identificação com a política, « ou seja, com o que [lhe] é oposto » e se assume como « inutilidade necessária ». Prova de modéstia e de humildade ? Talvez. É, todavia, conveniente que os menos precavidos se não iludam pois sabe-se da esperança que ele põe em que o manicómio que abriga os « loucos » de hoje, abra, no futuro e em sentido inverso, as suas portas aos « são » de ontem : « e que saiam do manicómio para irem para lá os que os lá meteram » (1, 339).

Parece, portanto, ser de salientar, — para além da fácil ironia a que, por simpatia, tais afirmações nos poderiam conduzir — o pessimismo radical, a desconfiança activa que apoia a maneira como Vergílio Ferreira entende as relações do Homem com a Cidade. E a aproximação entre pessimismo, activismo e inteligência tem, como é geralmente reconhecido, um carácter explosivo, vindo a talhe de foice lembrar as ilações — decerto intencionalmente romanescas — que Malraux faz um dos seus personagens (Manuel) tirar numa muito conhecida e citada passagem de *L'espoir*⁷. Isto não quer dizer, claro, que Vergílio Ferreira seja um fascista que se ignora ou que só o não é porque tem uma fidelidade atrás dele. A palavra fascista é, obviamente, delicada e é difícil despi-la da forte carga emocional que os tempos lhe adicionaram (a ela como a outras do espectro ideopolítico). Mas o que não deixa dúvidas é que da leitura deste *diário* ressuma a angústia de quem tem dificuldades de monta em conciliar um pensamento teórico-abstrac-

⁷ « Un homme actif et pessimiste à la fois, c'est ou ce sera un fasciste, sauf s'il y a une fidélité derrière lui » (André Malraux, *L'espoir*, Paris, Gallimard, Collection Folio, 20, 1979, p. 198). A afirmação de Manuel não contempla a inteligência mas não parece impertinente a exploração das virtualidades dessa aproximação.

tamente defensor das liberdades e dignidade humanas com uma *práxis* em que o Homem, feito homens, se entrega à « fúria », à « paixão » e ao « ódio » : « dois amigos que se separam politicamente são logo dois possíveis torcionários um do outro » (1, 310). Colocado no terreno, tornado, um pouco incrédulo e distanciado, observador e participante — « Tem graça. Vi-me tribuno e sorri por dentro : eu tribuno ... » (1, 237) — vem-lhe à tona de água o fundo pessimismo antropológico-cultural que o leva a invectivar e a desprezar aqueles que se deixam reduzir a « rebanho », a « gado » (1, 380), aqueles cuja consciência « está nos cassetetes da polícia » (1, 360). Mas, cômico da contradição que, entretanto, dentro dele se desencadeia — [...] de que mundo és tu ? Como querias política sem massas políticas ? Todo o acto histórico, para existir, tem de meter sempre muita gente » — Vergílio Ferreira não abdica duma posição próxima da matriz ético-religiosa que lhe é conatural : « mas de qualquer modo, rebanho não. Andar a quatro é estável ; mas com as mãos é que se fazem coisas » (1, 381). Evidente é que, com esta afirmação/convicção, ele nem soluciona a questão nem silencia os questionadores. Na verdade — adiantamos nós — como fazer usar as mãos a quem prefere andar a quatro ? Como construir, sem se ser apodado de tolo ou de ingénuo, um Estado indiferente à fantasia e parlapatice dos « políticos pataqueiros » (2, 24), um Estado negligenciador do nosso *pecado original* e desinteressado da irracionalidade, da parte « besta », que « adormecida nas relações quotidianas », desperta quando as circunstâncias a favorecem » (2, 46) ? A pergunta não tem nem poderia — não poderia ? — ter uma resposta sem peias através de textos que são comentários quotidianos e assistemáticos dos acontecimentos. Tendo, embora, bem presente a tentação fácil para, com obras deste cariz, coser, com mais ou menos retalhos a colcha que nos convém, não deixamos de detectar umas vezes, de adinhar outras, um lado positivo, assertivo, ou melhor, crítico-doutrinário em face da fluidez e da caoticidade dos acontecimentos. É, por exemplo, difícil não ver em Vergílio Ferreira o *liberal* que, à maneira orteguiana,

desconfia da democracia ou, pelo menos, daquela democracia que facilita o aparecimento dos « teóricos da política » (2, 23) e impede a subida ao poder duma competência e duma eficácia que, antes de dizer que « o fascismo foi odioso », saiba que « o povo sobre isso só tem uma opinião depois de vir do talho e da mercearia » (2, 24) — sobre esta matéria é bastante elucidativo o acolhimento feito a essa espécie de negativo « dos meninos políticos », o « tecnocrata » Alfredo Nobre da Costa. Hostil, como Ortega, ao surgimento das massas na ribalta da pior história, o seu perfil ideológico parece traçar-se — talvez *malgré lui* — *contra* elas, os seus porta-vozes e a revolução que incarnam. *Contra-revolucionário* é uma denominação que, não fora também o abastardamento e uso pejorativo a que tem sido sujeita, assentaria bem a um pensador que se guarda do « homem diferente », da utopia e das socializações redentoras (1, 271-274).

Deste modo, ao longo das quase oitocentas páginas de *Conta-corrente*, patenteia-se, clara ou mal disfarçadamente, um aristocratismo mental contrário às mediocridades impantes, aristocratismo que nos faz lembrar certas páginas políticas de Pessoa, com a diferença (aliás grande) que este se abalança à tentativa — que de resto não passará de tentativa, pois, nisto como em muita outra coisa, Pessoa foi « o génio do fragmento » (2, 9) — de operar no campo da especulação pura, de querer criar mesmo doutrina consequente e assumida. Talvez até fosse curioso ilustrar certas congeminções abstractas de um com alguns comentários imediatos do outro e seguir, com atenção, os subsequentes movimentos de atracção e repulsa. Isto porque, com esta obra, Vergílio Ferreira acaba por se juntar à pléiade de intelectuais para quem Portugal — no seu caso insuspeitadamente e depois de Abril — se revelou como fundamental preocupação. Com efeito, preso ao emaranhado das questões primeiras e respectiva progénie, o escritor não terá, durante anos, prestado atenção às, talvez bem enigmáticas, razões da Comunidade. Eis, todavia, que — afinal nunca morta — a Saudade, por Eduardo Lourenço pensada

como labirinto, desencadeia dentro dele « um ressumar *obscuro* duma emoção funda pelo destino do nosso país » (2, 206). Esta afirmação, a que não é estranho um incómodo sentimento de culpabilidade, se é pertinente sob um ponto de vista de explícita constatação, não o é como realidade actuante. Na verdade, já no ano de 75 se interrogava, entre a desorientação e a angústia : « estarão conclusos oito séculos de nação ? » (1, 258). Tal inquietação pelo destino nacional descobre-se, com alguma surpresa sua, como afim do « patriotismo de 1640 », aquele que o leva a « cromossomaticamente » não amar o espanhol, « desde a língua, que [lhe] faz o efeito de uma caricatura do português ». Em momentos cruciais, em ocasiões-limite — lá onde as opções se exigem cruas e nuas — Vergílio Ferreira, « rebento de França, como é nossa tradição » (1, 297) reage *contra* os cartesianos arranjos da inteligência e decide-se, afinal, vitalmente, isto é, decide-se « ao nível do natural », espaço onde as coisas parecem não correr lá muito bem para certos incensados esquematismos (atente-se na forte impressão que lhe causou o livro de Monod, *Le hasard et la nécessité* — 1, 320). A partir daqui o leitor espera já a revelação da — que é dele e de muitos de nós — secreta aventura das « raízes » (1, 307), a qual, anos a fio, clandestinamente prosseguiu, sem que, à superfície, conseguisse fazer ouvir a sua voz, voz que no final de contas, para o melhor e para o pior, sempre obscuramente o comprometera. Numa espécie de atormentado *mea culpa*, romântica e *henriquamente* « frente ao mar, no alto duma falésia », o escritor pensa « em vertigem no destino da [sua e nossa] pátria ». Como em Garrett, Herculano, Eça, Oliveira Martins, Pessoa, Eduardo Lourenço e outros, o tema da decadência cerca-o e atormenta-o. Vale a pena transcrever grande parte das reflexões dessa segunda-feira de Julho de 76 : « não sou muito acessível ao tema das grandezas, da heroicidade, da aventura marítima ; e todavia, agora que um destino de oito séculos está ameaçado de desmoronamento, um não sei quê de tristeza profunda, uma assumpção inesperada de todo o nosso passado legendário, invade-me totalmente e submete-me.

Pequeno povo das grande ilusões, das grandes façanhas, um destino de humildade e de negrume se desenha em substituição das grandezas e da legenda. Possivelmente o sentir isso é uma expressão de elitismo. Possivelmente a grande massa do povo está-se nas tintas para isso». Estes dois últimos períodos põem o dedo numa ferida já antiga, ferida que tem a ver com a dificuldade que alguns dos nossos homens da cultura têm em localizar a sede da consciência do «pequeno povo das grandes ilusões» — o escol, as élites ou «a grande massa do povo»? Pela parte que lhe toca, Vergílio Ferreira denota bem a divisão de quem, estando, por força de invulgares qualidades, no lado do escol, não pode renegar um inesperado retorno às «raízes» (1, 307) supostamente longínquas e enterradas. Ao contrário de outros que claramente culpam o escol português de, em épocas de crise, não ter sido intérprete dos interesses nacionais⁸, Vergílio Ferreira queda numa equivocidade que uma longa e angustiante trajectória pelos domínios mais largos do *ser* e do *mundo* não deixam de explicar. Sem trair essa sua legítima viagem, uma outra se lhe constitui como ferida dilacerante: «frente ao mar infinito sonho-me a infinitude dos antepassados que a [a história] sonharam. E uma amargura imensa alastra na minha memória, ao meu olhar nublado. Regressámos a casa depois de há quinhentos anos dela termos saído. E é nos pequenos trastes da nossa morada modesta que podemos rever os restos longínquos do 'mar português'. Que é que vamos arrancar de nós neste novo destino de amargura?» (1, 336). Eis-nos, portanto, de novo regressados. Eis-nos, de novo, amargos e necessitados de renascer das cinzas

⁸ Estamos a lembrar-nos, por exemplo, de Alberto Franco Nogueira, que aliás não se arroga a paternidade da tese: «[...] nas épocas de grande crise, o escol português, na sua generalidade, tomou historicamente uma posição ideológica e política contrária aos interesses nacionais permanentes e apenas o povo soube ter consciência dos mesmos e defendê-los» (*As crises e os homens*, Lisboa, Ática, 1971, p. 12).

de contínuos suicidas. E se, neste tempo de águas paradas, não é de somenos importância formular, com Vergílio Ferreira, a pergunta, é, com certeza, de candente urgência encontrar, com ou sem ele, a resposta.

E nada mais a propósito que esta ilação/convicção para, emblematicamente, se fechar *uma* leitura.

Ponta Delgada, Junho-Julho 81.